

TABULEIRO DE LETRAS

Exílio nos Andes

Exile in the Andes

HASBÚN, Rodrigo. **Os afetos**. Tradução: José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016, 128 páginas.

Valdemar Valente Junior¹

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a família Ertl deixa a Alemanha rumo à Bolívia, onde Hans, o chefe do clã, pretende chegar, mais precisamente a Paitití. De posse desses elementos, a aventura retratada na obra *Os afetos* evolui na direção de acontecimentos que correm em paralelo à expedição da família alemã à cidade encrustada na Selva Amazônica. Assim, um mundo de mistério serve de intermediação aos acontecimentos narrados, uma vez que a altitude de La Paz e o contato com o idioma espanhol são problemas a serem contornados, além da pobreza e da falta de higiene em um país tão distante. Nesse ponto, a saga dos Ertl tem início, a partir da visita a lugares onde Deus descansa de nossa ingratidão e sordidez, na busca pela cidade inca que permanece há séculos sem ser vista. O desejo que mobiliza a família alemã perpassa as viagens de seu patriarca, que acabam por ter o mesmo sentido, sucedendo-se de uma jornada a outra, pela perda da noção, tanto da ida quanto do retorno. O fato é que, ao voltar de Nanga Parbat, no Himalaia paquistanês, Hans promete abandonar o alpinismo, que se tornara bastante técnico, mas acaba por retroceder, deliberando-se a ir a Paitití, visto que a aventura se constitui em parte da natureza de quem procura renovar o significado da vida, ao deixar para trás a Alemanha destrozada. Assim, o imperativo da viagem atende à ordem superior de tudo quanto necessita renascer dentro de cada um.

É por esse viés que o romance de Rodrigo Hasbún se torna cúmplice da necessidade que a narrativa contemporânea traz consigo, a partir de situações que se aniquilam para, logo em seguida, virem a se recompor nas imagens sucessivas da aventura humana como promotora de

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco. E-mail: valdemarvalente@gmail.com

seu próprio desejo. A viagem da família Ertl a um país desconhecido, e mais ainda, a um contexto humano que possui todos os ingredientes capazes de conduzi-la ao que lhe parece inverossímil, tende a caracterizar *Os afetos* como narrativa que se situa em um plano de originalidade e se faz representar de forma contundente. O desprendimento que marca esse transe corresponde ao rompimento provisório com a estrutura que define o lugar das relações que escravizam o homem a seu próprio meio social. Nesse contexto, a Bolívia sintetiza a ideia do que se impõe à demanda de se conhecer outros lugares, descaracterizando o apelo repetido de horizontalidade da existência, na qual as relações atendem às necessidades imediatas de afeto. Desse modo, a narrativa invade o plano físico de regiões desconhecidas, recorrendo aos picos da cidade perdida na Cordilheira dos Andes. O mito do Eldorado, que repousa na memória de um povoado em algum lugar remoto, na confluência das florestas da Bolívia, do Peru e do Brasil, habita a imaginação dos que acreditam ter existido nesse local uma civilização cujo chefe era um homem de aspecto resplandecente, com as vestes e o próprio corpo cobertos de ouro, o que se reforça por meio da curiosidade dos que para esse ponto se dirigem.

O desejo de Monika, a filha mais velha de Hans, em seguir o destino do pai confirma-se em seu pedido à filha, ao ouvir dos arqueólogos brasileiros acerca da necessidade de se adiar a expedição. Depois de seguidos dias ruminando sua raiva, a decisão de viajar para Paititi em companhia da filha resolve dois problemas ao mesmo tempo: contar com sua ajuda na expedição e afastá-la dos demônios e incertezas que a atormentam. Assim, a narrativa serve-se de sucessivas vozes quando a expedição tem início, e parte da família Ertl sobe a cordilheira com uma tropa de vinte e cinco mulas carregadas de equipamentos de fotografia e filmagem, a uma altura de mais de quatro mil metros de ar rarefeito sob forte chuva de granizo. No percurso, os tropeiros param diante dos oratórios em honra a Pachamama, a deusa terra, onde esparramam folhas de coca e repetem orações. As folhas de coca servem para lhes dar força e suprir a fome. Durante a viagem, aparecem homens em direção a Tipuani, à procura de ouro, em meio a povoados sombrios e figuras estranhas que são como aparições sobrenaturais, ainda que as pessoas da terra vejam a expedição como se vissem fantasmas. A partir desse contato com a população do interior, tem-se o relato de um país extremamente pobre, em cujos povoados se encontra uma gente tão desprovida de bens materiais que se faz imperativo pensar em La Paz como paraíso na terra, em que pese, do mesmo modo, o aspecto caótico da capital boliviana, onde as casas de construção inacabada e as crianças e idosos a pedirem nas ruas revelam um cenário deprimente.

A narrativa efetiva-se a partir de seus sinais polifônicos, havendo certa intenção de que a isso se acrescentem os conflitos da família Ertl, em vista do que separa a Alemanha, combalida pela hecatombe da guerra, da Bolívia, enterrada nos confins do mundo. Os acontecimentos correspondem à relação que se impõe como incorporação possível à cultura boliviana, ainda que persistam pontos que se mostram divergentes e inconciliáveis. Há que se pensar acerca de um país onde mesmo sua capital e cidade mais próspera apresenta-se afetada pela miséria que exclui a população indígena, abrindo espaços a uma pseudoaristocracia crioula à qual se acrescentam alemães e judeus recém-chegados. De todo modo, a expedição prossegue em busca de fragmentos que atestem a presença de povos milenares no território agora desabitado das montanhas onde se chega em lombo de mula. Paitití, no entanto, permanece como uma incógnita, na medida em que representa o ponto mais elevado a ser conquistado nessa viagem. Assim, o mito do Eldorado seria desvendado como um triunfo que se anuncia distante de ser alcançado. Por sua vez, adensa-se à narrativa o contato com uma anciã, a quem a expedição entrega um tubo com pomada de penicilina para seus olhos inflamados, e de quem ouve, entre outras, a lenda de que os deuses dos incas se servem de um véu de nuvens que torna Paitití invisível aos olhos da cobiça humana.

A narrativa envolve também a divergência entre as irmãs, na medida em que as descobertas do amor e do corpo polarizam situações que passam ao largo do conhecimento de Hans, que se preocupa apenas com as diretrizes da expedição. As tomadas de cena no meio da floresta lhe ocupam o tempo e lhe roubam a energia, não lhe sendo possível pensar acerca do que o rodeia, para além do trabalho. Isso implica em uma série de percalços que se impõem, desde as situações amorosas não definidas na condição plena dos afetos como, do mesmo modo, no que parece resultar em espaço de disputas que se coaduna a uma cidade onde o tédio das convenções burguesas se repete à exaustão. Resta pensar em Paitití como terra prometida para onde se desloca a expedição, mesmo sabendo que a promessa da chegada se mostra remota pelas condições que envolvem a utopia de redescoberta do Eldorado. As questões problematizadas em *Os afetos* expressam uma precariedade que desautoriza os indivíduos a prosseguir, do mesmo modo, o caminho das relações e o da expedição, haja vista que ambos se apresentam difíceis. Dessa forma, o deslocamento dos corpos pode significar muito pouco no plano dos afetos que se desencontram.

A família se desagrega, com a morte da mãe. Heidi retorna à Alemanha, juntando-se com Rudi, enquanto Hans compra terras em Concepción e constrói uma fazenda. Vivem-se os anos sessenta, quando greves e conflitos sociais abalam o país e o continente. Tem início a luta

armada e a guerrilha na selva, cujos focos são combatidos pelo exército. A pluralidade de situações sugere uma alteração nos espaços da narrativa, indicando de que modo Rodrigo Hasbún articula partes cindidas em *Os afetos*, quando a ação do tempo divide as expectativas de uma Bolívia atingida pela miséria, ao que em seguida se agrega a luta armada. A saga dos Ertl aproxima os conflitos pessoais dos de ordem local. A morte de Che Guevara, quando suas mãos teriam sido amputadas e enviadas a Cuba, parece marcar o fim da guerrilha, bem como dos demais focos de resistência armada na América Latina. Em seguida, Barrientos, o ditador de plantão, sofre um atentado. A conjuntura política na Bolívia recrudescer e Monika assume participação direta junto ao Exército de Libertação Nacional, fundado por Che Guevara, como figura imprescindível ao processo revolucionário, passando a viajar pela Europa em busca de fundos para o movimento.

As relações amorosas das irmãs Ertl tendem ao fracasso, como se os afetos caíssem em compasso de espera e se esgotassem de modo inevitável. O ir e o vir entre a Alemanha e a Bolívia, do mesmo modo, apontam para um país assolado pelos horrores da guerra e um outro combalido pela miséria e pela opressão. Por sua vez, tudo parece ter um fim quando a última expedição de Hans pela América Latina fracassa, após um acidente em que todo o material de fotografia e filmagem se perde. A isso corresponde um aviso de que as coisas não deveriam seguir o mesmo rumo, sendo chegada a hora de retroceder. A família se perde em seu roteiro de utopias, quando a mão de ferro da repressão busca esmagar os militantes da guerrilha. Monika torna-se um braço da luta armada, enquanto Hans passa à condição de próspero fazendeiro, aliado do poder. Na visita à Fazenda Dolorosa, Monika pede ao pai que dê abrigo a um grupo guerrilheiro que se utilizaria de suas terras para treinamentos táticos militares. A negativa selaria o afastamento entre ambos, a partir do momento em que Monika se retira, acusando o pai de ser um fascista asqueroso. A última notícia da filha Hans encontra-se em La Paz, em um cartaz no qual o exército oferece cem mil pesos por ela, viva ou morta.

Monika chama-se agora Belén Hernández, uma empresária espanhola de passagem pela Bolívia. Depois de trinta e nove horas, no aeroporto de Praga, recebe da embaixada cubana um passaporte com o nome de Rosalinda Cabrera, de volta a Havana, após um período de trabalho em uma república do Leste Europeu. Três semanas depois é uma turista australiana em contato com o consulado boliviano em Hamburgo. Diante disso, torna-se impossível retroagir, restando-lhe apenas uma profunda sensação de vazio. Não há como negar a relação com um presente imponderável. O caminho que se apresenta não é outro senão o de sacar o revólver e atirar em Toto Quintanilla, o cônsul boliviano que perpetrara atos de crueldade contra os

guerrilheiros capturados. De volta a La Paz, é a própria imagem do tormento diante da sensação de perseguição de quem se vê procurada pelas forças de repressão. Com a chegada da década de 1970, a família Ertl sofre represálias, por conta da participação de Monika na luta armada, enquanto jovens se infiltram na selva e são massacrados pelo exército. O governo boliviano dá a guerrilha por encerrada, depois de um ataque em que dezenas de militantes são mortos. O desejo de que Monika seja encontrada corresponde ao início de uma vida nova, como fizera a família, no fim da Segunda Guerra Mundial. Na Fazenda Dolorosa, Hans ordena que se cave um fosso profundo cercado de tijolos, construindo nesse local um mausoléu onde são esperados os restos mortais da filha.

Recebido em: 11 de março de 2017.
Aceito em: 10 de junho de 2017.